

EPA - Estudos Portugueses e Africanos

Número 2, 1983

Páginas 151 - 154

*Kinaxixe e outras prosas*, de Arnaldo Santos,  
São Paulo, Editora Ática, 1981.

A literatura em sua infância

Paulo de Tarso Jardim

Infante é aquele que ainda não fala: uma literatura infante é uma literatura que aos poucos aprende a falar. Por esta razão, talvez, porque a literatura angolana ainda aprende sua linguagem, as personagens de Arnaldo Santos neste seu kinaxixe e outras prosas são, de preferência, crianças. E, de fato, o ponto de vista infantil é mais do que apropriado àquilo que o autor pretende nos mostrar em suas narrativas curtas, isto é, a resistência ao processo, violento, de acultramento imposto à Angola colonial pelos portugueses. Por estarem ainda em processo acelerado de aprendizagem, julgamos que as crianças resistem menos do que o adulto a esse processo que procura infundir-lhes valores que não os seus. Mas

---

Paulo de Tarso Jardim é aluno de pós-graduação de Teoria Literária do IEL-UNICAMP

Arnaldo Santos, ao contar com prosa infantil, sua vida de criança no kinaxixe, bairro pobre de Luanda, mostra-nos que as coisas não são bem assim. Enquanto seus pais, igualmente oprimidos pelo colonizador, incorporam de alguma forma a opressão de que são vítimas - aquilo que Adorno chama de 'identificação com o agressor' -, as crianças permanecem à margem deste jogo perverso, pois apenas padecem a repressão: à criança está proibido tudo aquilo que sugira uma praxis, ou melhor, sua única praxis possível é o aprendizado.

Mas o que é, afinal, aprender? Para Arnaldo Santos, aprender é transformar. Em "A Menina Vitória", por exemplo, as relações de poder na escola são apresentadas de maneira vigorosa. Gigi é um menino mulato que estuda em uma escola da periferia, onde, por andar misturado com meninos de condição social inferior, acaba assimilando as particularidades linguísticas do grupo. Seus pais, preocupados com o futuro do filho, resolvem transferi-lo para o Pucha Beatas, colégio mais caro, que exigiria deles maior sacrifício, mas que era o local indicado para que o menino tivesse a educação que eles desejavam. No novo colégio, Gigi é surpreendido pelo rigor da professora, a menina Vitória do título, no trato com os alunos e pela maneira intempestiva com que ela, que é também uma mulata, reage a tudo aquilo que na linguagem dos alunos traía sua origem africana. Gigi, desacostumada com tamanho rigor de linguagem, é o que mais sofre nas mãos da professora. Chama por 'tu' uma alta fi

gura política do país, usa termos como 'muxixeiro' ou 'gungos' em suas redações, despertando toda a ira da professora. Estas expressões, no entanto, não são simplesmente permutáveis por outras sinônimas, que apareçam nos dicionários da metrópole. Elas são, para o Gigi, o testemunho decisivo da afinidade entre o seu mundo e sua linguagem. Ao contrário da menina Vitória, que vê na linguagem um mundo superposto à sua realidade de mulata angolana, Gigi sabe que uma coisa não é mais que a representação da outra: sua linguagem será a imagem do seu mundo, na medida em que ele é produto desta linguagem. Por isso, mesmo que se veja constrangido a banir de sua linguagem tudo que dê testemunho do seu universo negro e oprimido, ainda assim, por acentuar o contraste com um mundo que a envolve mas que ela já não representa, ela será uma linguagem justa.

Sem dúvida, o problema fundamental que se coloca a literatura angolana, uma literatura em vias de descobrir - paradoxalmente, através do próprio exercício literário - sua linguagem própria, é que a busca desta linguagem se faz nos limites da língua imposta pelo colonizador. Se os dialetos regionais são ainda um repositório da cultura nativa do povo angolano, eles, contudo, por sua diversidade, são também um obstáculo seríssimo a qualquer tentativa de unificação, etapa fundamental, como se viu por ocasião da libertação de Angola, no combate ao processo colonizador. Arnaldo Santos, como o menino Gigi do conto acima mencionado, resolveu sem qualquer

ranço de má-consciência, como seria, talvez, de se esperar num escritor em tais condições, sua relação necessariamente problemática com a língua portuguesa. Como o Gigi, o autor lança na sua narrativa alguns elementos mínimos que perturbam o andamento 'natural' do texto. Estes elementos, termos locais de difícil compreensão para o leitor português ou mesmo brasileiro, cujos significados são revelados em seguidas notas de pé-de-página, ou então um ritmo descontínuo, com frases curtas compondo parágrafos igualmente reduzidos (o que também denota um uso infantil da linguagem), a preferência pelos substantivos e o conseqüente desprezo pelos adjetivos, são pequenos detalhes que acabam proporcionando ao leitor a relação necessária de estranhamento que o livro está a exigir. Nenhuma linguagem é inocente e a pureza é ainda e sempre um mito. Se o tempero do muzongue não for forte, então ele não servirá como receita para a literatura angolana. Pois cada palavra deve arder como o jindungo ou a pimenta malagueta, senão será uma palavra vã. Uma literatura para paladares fortes: esta é a proposta de Arnaldo Santos, do Gigi e de sua turma, infantes e com muita vontade de falar.